68

Discurso na cerimônia de inauguração da ponte Presidente Fernando Henrique Cardoso da Amizade e da Integração

PALMAS, TO, 27 DE SETEMBRO DE 2002

Senhor Governador Siqueira Campos; Doutor João Henrique de Almeida, Ministro dos Transportes; Doutor Simão Cirineu, Ministro de Estado Interino do Planejamento; Senhor Desembargador Luís Aparecido Gadote; Senhores Senadores aqui presentes; Senhores Parlamentares; Senhores Prefeitos; Senhores Vereadores; vou citar um nome e, citando este nome, que é tão expressivo, cito o de todos os Vereadores: Vereadora Maria da Balsa, que está aqui entre nós; o Presidente Eduardo Gomes; a Prefeita de Palmas; a Vice-Governadora de Goiás; enfim, tantos amigos,

Ao ouvir a música e a surpresa desta placa, que termina com a frase "Só me resta dizer adeus", Governador, eu pensava que só me restava dizer adeus, até que o senhor vem aqui e me dá o encargo imenso de resolver o problema da Amazônia brasileira. Não seria eu capaz de tanto.

Mas o meu adeus é condicionado. São quase oito anos de Governo, fora os outros em que ajudava a governar. Pensei que fosse tempo suficiente para ter servido ao meu país e ao meu povo. Mas nunca se sabe que outras tarefas – certamente não presidenciais, nem eletivas – o destino nos reserva.

Só que o Governador Siqueira Campos se referiu a mim, esquecendo-se de uma coisa que ele disse há pouco: disse que hoje era o dia dos idosos. Referia-se a ele e a mim. Estamos velhos, Governador, mas vamos continuar lutando. E Vossa Excelência também vai continuar aqui, firme, quando terminar seu governo, porque será terminada a tarefa de governar, mas não o amor pelo País, não o amor pelo povo.

O resto que me fez, eu lhe devolvo. Faremos juntos, Governador, o que estiver ao nosso alcance para que este nosso país possa continuar avançando e para que possamos, pouco a pouco, ir fazendo com que este povo se sinta mais à vontade, com uma vida melhor e veja que, efetivamente, os que o governam são pessoas que se dedicam ao seu bem-estar.

Leva tempo para uma nação se formar. Mas a nossa nação tem avançado bastante e vai continuar avançando.

Quero dizer ao Governador, quero dizer ao Presidente do Tribunal de Justiça, a quem agradeço a presença, ao Presidente da Assembléia, porque os três Poderes juntos se uniram para dar meu nome a esta ponte: eu nunca aceitei que meu nome estivesse em nenhuma obra pública enquanto fosse Presidente da República. Para mim, foi uma surpresa. E faço a exceção. Faço a exceção porque sinto que veio do coração de todo o povo de Tocantins, representado por suas instituições. Faço a exceção porque estou terminando o Governo, e ninguém dirá que isso será feito com objetivos de obter alguma vantagem. É expressão de carinho. E o carinho ninguém pode recusar-se a aceitá-lo.

Faz 50 anos, eu já era Professor da Universidade de São Paulo. Fui Professor quando tinha 21 anos. Tenho 71. Há 50 anos, eu era Professor da Universidade de São Paulo. Naquela época, da Faculdade de Economia. Depois, de Sociologia, da Faculdade de Filosofia. Quando tinha 36 anos, por razões alheias à minha vontade, eu não vivia no Brasil. Alguns anos antes, já tinha sido forçado a sair do Brasil e fui para o Chile. Depois, fui para a França. E, quando tinha 36 anos, eu era Professor Titular da Universidade de Paris.

O tempo passou rápido, mas sempre tive dentro de mim muito firme a idéia de que essas coisas que vão acontecendo na vida da gente a gente não deve tomá-las como se fosse obra própria: deve entender que

são circunstâncias. Eu sempre tive muito medo de virar estátua, virar alguém de quem dizem "Ah, fez isso, fez aquilo." Por isso, contei que fui Professor muito jovem e que, aos 36 anos, já era Professor da Universidade de Paris. E fui de muitas outras. Mas nunca tomei nada disso muito ao pé da letra. Nunca achei que isso fosse alguma coisa que não fosse fruto das circunstâncias. E quero morrer assim, Governador. Oito anos Presidente, fui Ministro, ouvi de sua boca uma série de referências, sinceras certamente, mas generosas.

Governador, Senhoras e Senhores, sei que fiz o que pude, mas eu não fiz nada: nós fizemos, esse Brasil fez-se, esse Brasil combateu a inflação, esse Brasil que criou a democracia, esse Brasil faz estradas, faz ponte, faz energia elétrica. Quando os governos falham e falta luz, o povo outra vez ajuda e reconstrói as condições para que nós possamos continuar acreditando no caminho do progresso. Por isso, Governador, embora eu aceite carinhosamente a designação do meu nome numa ponte tão bonita, que se chama da Amizade e da Integração, eu aceito com humildade e certo de que, por mais que eu tenha feito, foi muito pouco diante do que vocês todos fizeram e diante de tanto amor que há pelo Brasil, diante de tanta vontade que há neste país de que as coisas melhorem.

E não digo isso para fazer discurso, não digo isso como se fosse um farisaísmo de alguém que sabe que é mais e quer dizer que é menos. Não. Eu sei o que eu sou. Mas porque sei o que sou é que nunca aceitei, nem vou aceitar que pensem, ou que eu pense que sou mais do que sou. Não sou. Todos nós somos capazes de fazer muito se nos dermos as mãos. O Governador me deu a mão, o Congresso me deu a mão, os Ministros me deram a mão, o povo me deu a mão. E nós fizemos juntos. Não fui eu quem fez nada, Governador: fomos nós, repito. O desafio da Amazônia é real.

Eu quero lhes dizer que esse ímpeto do Governador Siqueira Campos de mostrar a todos nós o que significa integração e esse fato de que vivemos aqui, neste Estado, num centro de articulação é alguma coisa de muito significativo – eu diria: quase que subconscientemente – para todos os brasileiros. O Brasil se fez assim, tentando penetrar nessas terras. Os bandeirantes lá do meu Estado de São Paulo, os que vieram

fazer Goiás, os mineiros que para cá vieram, vieram também na busca dessa integração. E aqui, neste solo tão querido, o Governador sabe, desde o século XVIII meus ancestrais palmilhavam essas terras. Um deles participou da demarcação de Brasília, na missão Cruls. Tenho o meu coração e meu sangue ligado a esta terra, a este pedaço do Brasil.

Eu queria lhe dizer, Governador, que assim como tenho um sentimento muito pessoal por esta terra, e por isso fico emocionado, por sentir o carinho desta terra, que eu sinto como minha, porque é minha, eu também tenho pela Amazônia um carinho muito especial.

Semana passada, fui a Belém e a Barcarena. Fui a Barcarena para a extensão da linha de eletricidade. Fui a Belém, onde inauguramos um complexo viário com quatro pontes, menores que as daqui, o anel viário de Belém. E lá, naquele clamor imenso da população por maior integração, maior participação, a gente sente de perto o que o Governador disse aqui, essa responsabilidade histórica que nós temos da integração crescente, não da Amazônia só como floresta, mas como povo, como gente que lá vive.

Eu conheço bem a Amazônia, minha mãe nasceu lá, Governador, em Manaus. Quem conhece, quem já foi a Mamirauá, Iauaretê, quem andou em São Gabriel da Cachoeira, quem esteve na área mencionada há pouco por Vossa Excelência, do rio Amazonas, da cidade de Itacoatiara, quem vê aquela riqueza, quem sabe da importância daqueles rios, quem conhece mais em cima Roraima, quem já viu de perto o Orinoco, a que Vossa Excelência agora se refere, quem tem o sentimento do que seja a conquista do Acre, do que significa aquele estado – que até agora, até há muito pouco tempo, não tinha uma estrada que o ligasse: os rios correm numa direção e o Acre se estendeu na outra, e não havia uma só estrada que o ligasse; por sorte, nós estamos fazendo essa estrada lá no Acre –, quem conhece, como nós conhecemos, tudo que acontece em Rondônia, quem conhece Roraima, quem conhece o Amapá – eu conheço, e conheço de ir muitas vezes e de ver os problemas e tentar discutir com os Governadores, com os Deputados o que fazer – sabe que o desafio é imenso, mas ele é presente. E ele é mais que presente: ele é impositivo.

Ainda há poucas semanas, em Johannesburgo, como Vossa Excelência mencionou, eu fui, com Mandela, a uma reunião a respeito dos parques florestais. E havia muito entusiasmo na reunião, certamente com a presença simbólica e efetiva do Mandela. Mas eu pensava: será que todos os que aqui estão sabem que debaixo daquelas árvores tem gente e que não são só os indígenas, são os que vieram depois? Sabem que é preciso uma ocupação racional que não destrua a Natureza, que preserve a Natureza, para que dê trabalho?

E quem for, como fui também, há um par de semanas, a Manaus, quem for ver o que aconteceu com a Zona Franca, tão mal compreendida no Sul do País e que hoje se transforma, efetivamente, num pólo de desenvolvimento industrial que exporta e tem processo produtivo feito lá, desenvolvido lá, que emprega milhares e milhares de pessoas, sabe que a preservação da Amazônia é fundamental como desafio brasileiro, fundamental como destino histórico nosso. E preservação, certamente, do território – e isso é indiscutível –, mas também preservação do espírito do amazônida, que é o mesmo espírito daqueles que estão aqui, em Tocantins, que é o espírito de gente que penetra no desconhecido e que, ao conhecer, gosta e, ao gostar, transforma respeitando.

É isso que estamos fazendo, Governador. E é isso que acredito que todos os brasileiros compreendem que é necessário fazer. Portanto, o seu desafio é um desafio que não é para mim – é para todos nós –, mas nós o aceitamos e seguiremos adiante.

Estamos, Governador, transformando este país. E, às vezes, isto, sim, me dá um pouco de lástima, um pouco de dor no coração saber que os brasileiros não sabem o quanto o Brasil está se transformando e como é difícil fazer com que as pessoas sintam a força deste país já em marcha. Quantas vezes me vejo por aí, por este Brasil afora, como aqui perto, na usina Luiz Eduardo Magalhães, como lá embaixo, em Lajeado, como em Tucuruí. São 26 usinas hidrelétricas que estão sendo feitas ou já foram feitas no meu Governo. Quando se vê isso, quando se vê, como vimos agora, a Norte-Sul; quando se vê o rio Tocantins, com essas pontes imensas servindo de passagem para os trens; quando se sabe que já agora é possível enviar soja plantada no centro do Brasil para escoar

lá pelo Maranhão; quando se sabe que outra parte da soja, do Planalto de Parecis, vai para o lado de Rondônia e, de Porto Velho, toma a barcaça e sobe o rio Madeira até o rio Amazonas, em Itacoatiara, onde faz o transbordo e vai passar para um navio maior e vai para a Europa, e vai para os Estados Unidos, baixa o frete; quando se sabe que existe de novo no Brasil o transporte ferroviário como base fundamental para o transporte de mercadorias, de tal maneira que, além da Norte-Sul, que está sendo feita e avançando, há a Ferronorte, e eu vi a Ferronorte quase que nascer, porque não havia ponte para transpor o rio entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, e nós fizemos a ponte, e a ponte é rodoferroviária; quando se vê que todo o Estado de Mato Grosso do Sul foi transposto e que, agora, estamos no meio de Mato Grosso e vamos seguir adiante com essa estrada; quando se vêem os portos que foram feitos em muito pouco tempo – mencionei e repito aqui –, Pecém, Suape, Sepetiba, tudo isso não havia, é porto novo e porto de grande calado; quando se vê que o porto do Rio de Janeiro foi modificado, o porto do Rio Grande é outro hoje, e tudo isso em oito anos, vê-se que o Brasil está realmente se modificando.

Mas não queria deixar de repetir o que tenho dito sempre, que o Governador Siqueira Campos mencionou hoje e seu filho, meu Líder no Senado, tantas vezes tem me ajudado a implantar e a fazer; não queria deixar de repetir o que eles sabem e dizem que é o mais importante no Brasil: realmente, hoje, no Brasil, estamos dando atenção a quem precisa. Não toda atenção ainda, porque não conseguimos. Não a todos, porque não conseguimos. Mas o foco da Administração se voltou para os mais pobres. O foco do dispêndio federal, estadual e municipal – e os municípios passaram a ter papel fundamental no redesenho do Brasil –, esse foco passou a ser a educação, a saúde, o acesso à terra para os que mais precisam, que são os pobres.

E repito o que disse há pouco: se, no passado, a escravidão era a nódoa que, com seus grilhões, impedia que o Brasil avançasse no século XIX, no século XX foi o analfabetismo. E, agora, no século XXI, posso lhes dizer, como Presidente da República e como professor, que temos todas as condições para afirmar: esse problema está eliminado, porque

temos 97% das nossas crianças nas escolas, e, portanto, em questão de muito pouco tempo, não haverá mais analfabetos no Brasil.

Não basta não haver analfabetos: é preciso evitar que os haja na forma moderna, que são os analfabetos digitais, os que não têm acesso ao computador. Por isso mesmo, temos programas absolutamente grandiosos de dar acesso ao uso do computador. É com orgulho que digo que em certos setores, por exemplo, no Governo, uma boa parte dos serviços públicos já é oferecida via computadores, via Internet; e que 95% dos formulários de Imposto de Renda, no Brasil, são devolvidos à Receita através da Internet. Não porque as pessoas todas tenham computador em casa, mas porque nos correios há computador, porque nos quiosques há computador, porque, crescentemente, os há nas escolas. Portanto, nós já estamos começando a lutar contra novas formas de exclusão e de analfabetismo como é a falta de acesso aos meios eletrônicos.

Este é um Brasil pujante, um Brasil que se sabe ainda necessitando de muita coisa, que sabe que o atendimento à saúde melhorou muito; mas não é suficiente. Mas – e repito o dado que tenho batalhado em divulgá-lo – quando eu assumi o Governo, nós tínhamos 28 mil agentes comunitários de saúde. Agora, nós temos 160 mil agentes comunitários de saúde, temos 25 mil equipes de médicos de família.

E posso lhes dizer com tranqüilidade que o número de famílias assentadas pela reforma agrária nesses anos foi maior do que tudo que tinha sido feito até 1995. Assentamos 700 mil famílias em 20 milhões de hectares de terra. Nunca se fez isso em nenhum regime sem revolução. E nós estamos fazendo uma reforma agrária com condições difíceis, com muitas restrições financeiras pelas turbulências internacionais, com muita pressão social, nem sempre bem compreendidos, mas nós estamos fazendo uma reforma para dar acesso à terra. E não é só isso: o agricultor familiar não tinha, no Brasil, um tostão de crédito. Hoje, pelo Pronaf, este ano são 4 bilhões de reais. Isso significa diminuir a exclusão social. Se nós temos 97% das crianças na escola, e não as tínhamos; se nós temos o que já mencionei, a ampliação do serviço de saúde, que não existia; se nós temos gente que tem terra, que não havia nessa proporção, isso significa que nós estamos, efetivamente, reduzindo a

pobreza e dando acesso àqueles que antes eram excluídos. O que não quer dizer que nós tenhamos resolvido esses problemas, porque não se resolve em 8 anos o que foi uma herança de 500 anos. Mas se pode começar a resolver.

E, assim como se faz um começo de uma estrada, o primeiro quilômetro é fundamental para chegar aos mil quilômetros do seu ponto final, já estamos muito mais adiantados do que no nosso primeiro quilômetro na educação, na saúde, na reforma agrária, nas questões dos pilares fundamentais de uma sociedade melhor para todos os brasileiros.

Quero dizer, Senhores e Senhoras, que este Estado de Tocantins está, também, na vanguarda desse processo. É só vir aqui para ver que há, efetivamente, uma consciência dessa população de pioneiros, desses brasileiros morenos, como disse o Senador Eduardo Siqueira Campos. E moreno quer dizer que pode ser louro, mas a alma é morena, é mestiça. Pode ser negro, a alma é mestiça. Nós somos de alma mestiça, porque queremos a combinação de todas as raças, sem distinção, pelo bem do Brasil. Esse Tocantins moreno está dando um exemplo ao Brasil.

Cada vez que eu venho aqui, e disse o Governador e é verdade, estive aqui seis vezes, como Presidente, cada vez que eu me encontro com algum estrangeiro que está planejando conhecer o Brasil, como ainda há pouco o Príncipe Charles, eu digo com entusiasmo que "é preciso ir ao Tocantins para ver o que os brasileiros estão fazendo de uma terra que antes era agreste e deixada à margem e hoje é produtiva, está no coração do Brasil e integrada nesse Brasil".

Senhores, Senhoras, meu amigo Governador Siqueira Campos, falei demais, deixei até que alma e coração fossem mais depressa do que a razão. Não me contive até de fazer referência, e nunca as faço, a mim próprio, como professor, como Presidente, como pessoa que nunca aceitou homenagens, sem fazer disso proeza. Talvez não devesse nem ter falado tão pessoalmente, mas sinceramente, Governador, o seu carinho, o carinho do seu povo, do seu filho, da sua gente, dos que aqui estão, esse povo simpático, esse povo que me abraçou lá na ponte, povo mais simples, realmente me comoveu. Eu agradeço, eu sou feliz, eu me sinto, mais uma vez, tocantinense de pleno direito.